

B. N. L.
28.FEV.1979
BER. LEB.

Os votos que formulo traduzem portanto a minha confiança nos portugueses, que sempre souberam enfrentar as dificuldades com coragem e responsabilidade, e estão preparados para rejeitar as propostas demagógicas que ocultam intenções ou projectos totalitários.

(Da «Mensagem do Presidente da República»)

(Preço avulso: 5\$00) N.º 708
ANO XXVII 4/1/1979

Composição e Impressão
«GRAFICA EDITORIAL»
Av. João Ferreira da Maia, 20
Telef. 92091 RIO MAIOR

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO
José Maria da Piedade Barros

Redacção e Administração
GRAFICA LOULETANA
Rua Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 LOULÉ

Saibamos vitalizar o NOVO ANO recém-nascido

O surto dos acontecimentos escapa aleatoriamente com reconhecida frequência ao controlo dos homens, designadamente, dos sagazes, audaciosos e até os mais clarividentes.

O devenir histórico está contido numa incógnita, numa «lotaria», que desafia os dotes e os predicados dos oráculos e pitonias de todos os tempos, que para não fugirem à tradição procuram desvendar o futuro.

Não obstante as «cartas» e as «virtudes», dos astrólogos, dos quíromantes, dos sibilos e quejandos, tem-se desenvolvido modernamente aquilo que se dá por ciência prospectiva, que outra coisa não é se não o de se prever o decurso de uma actividade económica devidamente programada a partir de dados mensuráveis e de circunstâncias.

A «prospectiva», aplicada ain-

da assim, a um campo restrito tendente a alargar o seu raio de acção, mas será indubitable que, não obstante toda a gama de conhecimentos técnicos e psicológicos que envolve, se torna impotente para penetrar, por antecipação, no «livro do destino».

Mas, alguma coisa daí resulta:

(continua na pág. 7)

CONTERRÂNEO
SILVA MARTINS
ELEITO VIÇE-PRESIDENTE
DA A. I. E. EM PARIS

A assembleia-geral da Associação da Imprensa Estrangeira acreditada em Paris, elegeu em 13 de Dezembro último os seus corpos gerentes para o exercício de 1979.

Foram eleitos: Presidente — Daniele Boni Claverie (Costa do Marfim), Vice-Presidentes — Manuel Silva Martins (Portugal), Ge-

(continua na pág. 2)

COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO DO ALGARVE

FAZER BALANÇO E APRESENTAR PROJECTOS

Monte Gordo, 16 de Dezembro de 1978.

Na sequência de um salutar hábito da Comissão Regional de Turismo do Algarve, também este ano se dispôs aquele organismo, em conferência de imprensa, a dar a conhecer uma análise re-

trospectiva das actividades levadas a cabo no exercício que ora findou, bem como dos acontecimentos programados para o próximo período.

Para já, ressaltou-se o facto de, por via da insuficiência estrutural da CRTA, se dar lugar a uma ma-

crocefalia e preponderância do sector de Animação e Promoção, em detrimento de outros não menos relevantes, mas decisivamente condicionados pela razão exposta.

Falando em termos numéricos, e um tanto arcaicamente, ou em bruto, como lhe queiramos chamar, podemos remontar às receitas ilíquidas da CRTA que, em 1975 foram de 22 815 contos, e sucessivamente, 26 375 contos, 42 755 contos, para em 1978, de Janeiro a Novembro, haverem já dado entrada nos cofres daquele organismo, 57 538 contos, o que

(continua na pág. 3)

ESCADADA «MAGIRUS» CHEGA A LOULÉ — ASSINALADO COM ALARDE A SUA CHEGADA

Vinda expressamente pelos seus próprios meios, da Alemanha, cidade de Uhl, onde uma delegação dos Bombeiros Municipais de Loulé, composta pelo seu comandante Carlos Leal, adjunto Miguel Figueira e instrutor Manuel da Encarnação, se deslocara, chegou a Loulé, no transacto sábado, dia 23 de Dezembro, a autoescada gi-

ratoria «Magirus», importante equipamento, único do género no Algarve, com que a corporação local ficou dotada.

A sua chegada que culminou com o desfile do veículo pelas principais artérias da Vila, tendo-se-lhe juntado na digressão outras viaturas dos Bombeiros, pro-

(continua na pág. 7)

Com verbas tão diminutas e ridículas
não vejo possibilidades de promover em força
o turismo da baixa e média estação

— Declarou-nos o Presidente da CRTA,
Cabrita Neto

ALMANCIL NO GALARIM DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Ainda há pouco, foram levados para o hemiciclo dois candentes problemas de Almancil: o da canalização da água e o da construção de esgotos de que a localidade tanto carece.

Pela mão do deputado do P. S. D., Cristóvão Guerreiro Norte, foi assim apresentado um requerimento, chamando a atenção do Governo para os referidos óbices.

Dado o inquestionável interesse do assunto explanado, aqui o extractamos, proporcionando com isso merecida divulgação:

Considerando que várias dezenas de cidadãos da povoação

chamada Almancil, situada no coração do litoral algarvio, têm-me pedido insistente que me faça eco nesta Assembleia no sentido de manifestar a mais antiga e premente necessidade e aspiração dos seus habitantes: a canalização da água e construção de esgotos.

Tenho hesitado em fazê-lo, bialando-me na memória a circunstância de eventualmente poder trazer para aqui assuntos muito circunscritos e localizados em

(continua na pág. 2)

QUEM SÃO OS REACCIÓNARIOS?

Reaccionários são os que se opõem pela violência à aplicação das leis; reaccionários são os sequestradores da Constituinte em 1975; reaccionários são os que ainda recentemente declararam que em Portugal nunca haveria parlamento sem democracia; reaccionários são os que invocam constantemente em vão o sagrado nome da DEMOCRACIA — (Mota Pinto)



O REALISMO, A COMPREENSÃO E O BOM-SENSO CARACTERIZAM O HOMEM. A MAIOR DE TODAS AS CORAGENS É A DE ASSUMIR RESPONSABILIDADES. CABRITA NETO NÃO PRECISA DO PALCO DOS POLITIQUEIROS PARA DEFENDER OS REAIS INTERESSES DO ALGARVE, FOSSEM OS RE-

PRESENTANTES DO ALGARVE NA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA. HOMENS DE ACÇÃO, DINÂMICOS, BAIRRISTAS E HONESTOS, COMO O PRESIDENTE DA CRTA, E A PROVÍNCIA NÃO ESTARIAM TÃO ESQUECIDA! Além de uma actividade económica criadora de postos de tra-

balho e fonte de receitas em divisas, o Turismo é um importante veículo de promoção e animação cultural e de aproximação entre os homens. Algo de positivo se tem feito no campo da promoção. Gostaria que se referisse ao plano de actividades de lazer recreativa

(continua na pág. 4)

ALMANCIL

NO GALARIM DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

(continuação da pág. 1) prejuízo de outros mais gerais e porventura mais essenciais.

Todavia a constatação objectiva de que nesta Câmara, frequentes vezes, se debatem assuntos de carácter ideológico, perdendo-se largo tempo em fricções partidárias (e às vezes até pessoais) esquecendo-se ou preferindo-se os verdadeiros interesses e necessidades do povo aqui representado neste hemicírculo (multiplicando-se os protestos e contra-protestos), leva-me a abordar este caso concreto, localizado e específico problema com a convicção profunda que estou a contribuir para a resolução dos problemas daqueles que me elegem.

Considerando que Almancil é uma povoação, sede de freguesia a 10 km. de Faro e do seu aeroporto, a 6 km. de Loulé e a 5 km. de Quarteira, isto é no centro geográfico e turístico do Algarve, passando-lhe pelo meio a principal rodovia da província, a estrada Nacional n.º 125 — Vila Real de Santo António-Sagres. A freguesia de Almancil, em termos de receitas fornecidas ao Estado, tem contribuído com maior quota parte que muitos concelhos do Algarve e do país no sua totalidade.

Exemplificando — Emolumentos de registo predial, emolumentos notariais, impostos de sisa, contribuição industrial, imposto de turismo, etc., não escondendo as respectivas repartções a constatação efectiva desse facto comentando ironicamente alguns dos seus funcionários que isso é uma realidade indesmentível com a qual Almancil nada lucra.

Considerando que Amancil é a freguesia não urbana mais populosa do concelho de Loulé e mesmo de todo o Algarve. É também a mais industrial onde existem várias fábricas de cerâmica, madeiras, etc., onde trabalham algumas centenas de operários sendo comercialmente também uma freguesia importantíssima com dezenas de estabelecimentos das mais diversas espécies o que revela sintomaticamente a dinâmica e a vitalidade dos seus habitantes.

Considerando que tem uma costa de 14 km de extensão e igual extensão de praias de areia fina e água em pleno coração da província, ali se situam dos mais completos e elegantes empreendimentos turísticos de Portugal

e até da Europa, como Vale do Lobo, Quinta do Lago, Ocean Club, etc.

Considerando que os seus naturais, os que mais emigraram em todo o Algarve estão hoje espalhados pelas cinco partes do mundo, desde os Estados Unidos à Austrália (pois só a Venezuela em 1963, albergava 1 500 dos seus filhos) têm contribuído muito honesta e decididamente para ajudar a reconstruir Portugal.

Sendo isto atestado pela agência da Caixa Geral de Depósitos de Loulé, a 1.ª a nível de depósitos do País e no que respeita à província do Algarve a freguesia de Almancil regista há dez anos a esta parte o primeiro lugar em dinheiro depositado.

Tudo isto revela à saciedade que Almancil é uma considerável e importante parcela no contexto económico-social da província do Algarve.

Considerando que é lamentável, e vergonhoso que Almancil, povoação com cerca de 2 500 habitantes, de entre os 8 000 da freguesia não tenha água canalizada nem esgotos.

E tudo isto acontece à vista, nas barbas de empreendimentos turísticos luxuosos, em que a maior parte das vivendas têm piscinas particulares.

O que afirmo é sublinhado diariamente e desinteressadamente por muitas centenas de estrangeiros que ali residem.

Considerando que é incompreensível e até atentatório da dignidade dos seus habitantes a circunstância de se ter aberto um furo mesmo junto à povoação com abundância de água e essa água servir apenas para alimentar a fábrica de Cervejas de Loulé. Quando Almancil, das povoações mais importantes do litoral algarvio, se vê a braços com falta de aquele precioso líquido, originando (o que infelizmente ainda serve de postal ilustrado) a ida à fonte com a cantarinha na mão ou no burro.

Considerando que se tem chamado a atenção da Câmara Municipal de Loulé, do Gabinete Planeamento do Algarve, da Comissão Regional de Turismo e dos Ministérios Competentes no sentido de colmatarem esta lacuna que não só constitui um imperativo de justiça, como também motivo de vergonha e de despeito para com as várias centenas de estrangeiros e nacionais que ali vivem e dos milhares de turistas que a visitam.

Pergunta-se ao Governo quando pensa resolver este magnifico problema.

Conterrâneo Silva Martins eleito vice-presidente da A.I.E. em Paris

(continuação da pág. 1)

Richard Leo (Alemanha R.D.A.), Paolo Romani (Itália); Secretário-Geral — Vittorio Spinazzola (Suíça); Tesoureiro — Lutz Hermann (Alemanha R.F.A.); Vogais — Janis Angelopoulos (Grécia), Denes Baraés (Hungria), Annie Bourrier (Brasil), Vadim Essipovitch (U.R.S.S.), António Pelayo (Espanha), Davor Sosic (Jugoslávia), Walter Schwars (Inglaterra), Ichiro Yamamoto (Japão) e Sun Sao (China).

Fundada em 1883, a Associação da Imprensa Estrangeira sediada em Paris, não só é a mais antiga associação de jornalistas internacionais do mundo, como ainda uma das mais importantes agências de informação de hoje. Nela estão representadas a televisão, a rádio e a grande imprensa escrita, de todos os continentes. Por ela têm passado alguns dos maiores jornalistas de diversos países. A eleição pela décima quinta vez de Silva Martins para um cargo de tão alta responsabilidade, só vem confirmar o pres-

tigo que aquele nosso conterrâneo desfruta nos meios da imprensa internacional, políticos e diplomáticos da capital francesa. Isso é ainda mais de admirar quando se sabe que vive radicado em Paris desde 1950, nunca podendo contar com outro apoio ou ajuda que não fosse o seu esforço e vontade pessoal. Correspondente do Jornal «O Comércio do Porto», Silva Martins é o único jornalista português que a título profissional é acreditado não só junto do Governo Francês, como ainda no Parlamento e na Presidência da República. Uma das suas principais funções consiste em cobrir os debates parlamentares e as viagens do presidente Giscard ao estrangeiro.

As nossas felicitações para Silva Martins.

Martins & Anastácio, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 19 do mês corrente, lavrada de fls. 35 a 36, do livro n.º B-104, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi dissolvida a sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Avenida Marçal Pacheco, desta vila e freguesia de S. Clemente, com a firma de «Martins & Anastácio, Lda.», dada como liquidada, e n'contrando-se devidamente aprovadas as contas sociais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Dezembro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Industrial de Móveis Imbondeiro, Lda.

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ
1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, o seguinte:

1. — Que por escritura de 10 de Outubro do ano corrente, lavrada de fls. 6, v.º a 9, do livro n.º C-103, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, os sócios da sociedade «Industrial de Móveis Imbondeiro, Lda.», com sede na Rua Miguel Bombarda, n.ºs 44 a 52, desta vila e freguesia de S. Sebastião:

a) Carlos Alberto da Silva Carvalho e Luís Henrique Martins, cederam as suas quotas do valor nominal de 156 000\$00, cada uma, ao consócio, Rui Augusto de Sousa Cunha Pereira;

b) Luís Manuel Rio Torto Fernandes e Roberto Lusitano Gonçalves de Carvalho, cederam as suas quotas, de idêntico valor nominal ao consócio Manuel Bernardino;

c) João dos Santos Guerreiro e Armindo Monteiro de Brito, cederam também as suas quotas, de idêntico valor nominal, ao consócio Hamilton Eduardo Lopes, pelo que todos os cedentes saíram da sociedade, e renunciaram à gerência, tendo os cessionários, pela mesma escritura, unificado as quotas adquiridas, com as que já possuíam, e, em consequência, sido alterado o art.º 3.º e ainda o n.º 3 do art.º 5.º, do pacto social;

2. — Que por escritura de 12 do mês corrente, lavrada de fls. 7, v.º a 9 v.º, do livro n.º C-104, também de notas para escrituras diversas, do mesmo Cartório, os sócios Rui Augusto de Sousa Cunha Pereira e Manuel Bernardino, cederam as suas quotas unificadas, do valor nominal de 468 000\$00, cada uma, respetivamente, a António Francisco Lopes, e ao consócio Hamilton Eduardo Lopes, pelo que saíram da sociedade, e re-

nunciaram à gerência, tendo, pela mesma escritura, o novo sócio António Francisco Lopes, sido nomeado gerente, o consócio Hamilton Eduardo Lopes, unificado a quota adquirida, com a que já possuía, e sido alterado o art.º 3.º do pacto social;

3. — Que em consequência das alterações introduzidas no pacto social pelas citadas escrituras, a redacção definitiva e actual do art.º 3.º e do n.º 3 do art.º 5.º, passou a ser a seguinte, continuando como é óbvio sem qualquer alteração o restante articulado do pacto social:

Art.º 3.º — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores constantes da respectiva escrita é do montante de 1 404 000\$ e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma de 936 000\$00, pertencente ao sócio Hamilton Eduardo Lopes; e

Outra de 468 000\$00, do sócio António Francisco Lopes.

Art.º 5.º — 3. — Para obter validamente a sociedade são necessárias as assinaturas em conjunto dos dois gerentes, ou seus procuradores, podendo, no entanto, os actos de mero expediente, ser assinados por qualquer gerente ou seu procurador.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 27 de Dezembro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

CASA

Vende-se, uma casa com 5 divisões, casa de banho, cisterna. Logradouro com árvores de fruta. Junto à estrada Loulé-S. Brás (a 1 Km da Estação da E.D.P.).

Tratar na Av. José da Costa Mealha, 162-1.º, Esq. LOULÉ.

(4-3)



PARA O SERVIR MELHOR,
ESTAMOS A REMODELAR
OS NOSSOS SERVIÇOS

PASTELARIA AMAZONA

— e —
AMENDOAL — Fábrica de Pastelaria Fina

LARGO GAGO COUTINHO — TELEF. 62503

L O U L É

Pastelaria Fina — Doces Regionais
Bolos para Casamento, Baptizado, Aniversário, etc.

BOLO REI «AMENDOAL»

(3-3)

CARIMBOS

Executam-se na
GRÁFICA LOULETANA
Rue Marechal Gomes da Costa
Telef. 62536 — LOULÉ

MOBÍLIAS — MOBÍLIAS

MOBÍLIAS DE ALTA QUALIDADE A BAIXO PREÇO

Grande stock de móveis em todos os estilos,
lustres, candeeiros e alcatifas

CASA SIMÃO

A MOBILADORA

ANTÓNIO SIMÃO VIEGAS, LDA. — Telef. 62110

Exposição e Venda:

Av. Marçal Pacheco, 34 e 33 a 51

Salão de Exposição:

Praça da República, 8

Depósitos:

R. General Humberto Delgado e na R. Manuel
Guerreiro Pereira em Loulé.

Renasce a esperança para os mais idosos

UMA PALAVRA DE GRATIDÃO

Depois de neste mesmo local termos lamentado a recusa do Ministério dos Assuntos Sociais em restituir à Santa Casa da Misericórdia a importância de cerca de três mil contos, vimos agora, com redobrado prazer, anunciar a devolução de dois mil e novecentos contos o que nos permite concretizar a compra da casa que foi do sr. José da Costa Guerreiro e proceder à instalação do «Lar para a 3.ª idade». É certo que houve uma pequena redução em relação à quantia em causa mas não fazemos questão por isso.

Queremos levar ao conhecimento de todos que o êxito desta operação se deve, não aos nossos modestos merecimentos mas às diligências efectuadas pelo Senhor Director Distrital de Segurança Social, Dr. António Simões. Sem a sua iniciativa, tenacidade e boa vontade nunca nos teria

sido possível atingir os nossos fins. Aqui deixamos o nosso mais caloroso agradecimento. Os nossos agradecimentos vão também para a Comissão Instaladora do Hospital Conceição de Loulé nas pessoas dos Srs. Drs. Francisco Inês e José Batalim, com quem mais estreitamente tratámos e cuja compreensão e espírito de colaboração muito contribuíram para este feliz desfecho.

Finalmente agradecemos também ao Senhor Presidente da Câmara de Loulé o interesse, o incentivo e o apoio que em todas as circunstâncias nos dispensou.

Catarina Farrajota

COMPRA-SE TERRENO

4000 a 5000 m² para construção em Quarteira de preferência junto à estrada até à Orbitur.

Resposta até 20/1/79, ao n.º 37.

FAZER O BALANÇO E APRESENTAR PROJECTOS

(continuação da pág. 1) revela, sem dúvida, uma franca subida de proveitos, pese embora o facto de se tratar de números não desinflacionados, portanto, fora do âmbito de quaisquer factores de correção.

Refira-se que a grande percentagem de inputs concorrentes para este valor, advém do imposto de turismo.

As despesas referentes a 1978, e apenas considerando os já citados onze meses, totalizaram 46 455 contos, sendo os departamentos de Animação e Promoção, respectivamente com 13 630 e 8 561 contos, as talhadas de leão nos gastos orçamentais.

Mereça-nos também atenção e regozijo, a aquisição de uma máquina para limpeza de praias, cujo custo (parcial) já orça pelos 951 contos.

No que toca a acontecimentos, procurou-se essencialmente uma melhor ocupação do Algarve no Inverno.

Foram editados cerca de 1 600 000 folhetos de propaganda. Adquiriram-se diversos filmes e diapositivos. A CRTA esteve presente em diversas manifestações no estrangeiro, quer com apoio directo através de grupos folclóricos, recepcionistas, promotores, cozinheiros, etc., quer com apoio indirecto, através de participações financeiras e documentais em stands portugueses.

Igualmente se promoveram inúmeras visitas de jornalistas, agentes de viagens e diversas entidades dos mais diversos países, para melhor aquilatarem e propagandearem as potencialidades da nossa província.

Relevo também para o grande número de Congressos e Conferências aqui promovidos, salientando-se os da Newsweek International, da Ordem dos Veterinários, da Cirurgia Plástica e Reconstitutiva, da AVIS, da Alfarrabba, da Rádio Televisão (União Europeia), e da APVT.

Na Animação propriamente dita, recordemos o II Grande Cross Internacional das Amendoeiras em Flôr, a Internacionalização do Carnaval do Algarve em Loulé, a I Semana da Cozinha Regional Algarvia, o Festival Nacional da Cerveja, o Verão Musical do Algarve, o Jazz-Algarve 1978, o Festival Nacional de Folclore, o Rally do Algarve em Automóvel, os Concursos Hípicos da Penina e Vilamoura, diversos campeonatos de Golfe, Ténis e Vela.

Finalmente, há a referir, pela primeira vez, os Prémios de Animação, que este ano couberam ao Racial Club de Silves, o Prémio Animação/78 como Clube organizador; ao Club Disco 7 1/2, de Albufeira, o Prémio da Animação Nocturna e à Lusotur, o Prémio de Animação Desportiva/78, o qual constou de uma magnífica placa em cobre, gravada com o nome do premiado.

PLANO DE ACTIVIDADES PARA 1979

Problema fulcral, parece ser a aprovação do diploma legal de reestruturação da CRTA, com vistas a dotá-la dos técnicos indispensáveis à prossecução de uma política de turismo a prazo.

Sobre os Postos de Turismo, espera-se melhorar os existentes, e promover a instalação de novos Postos nos locais de mais forte afluxo turístico.

Quanto às instalações dos serviços da sede, possivelmente arcar-se-á com a construção do edifício, para o qual de há muito se dispõe de local apropriado.

Sobre a sanidade nas zonas de turismo, merece destaque a limpeza das praias, pois em 1979 já deverá operar uma máquina própria para esse serviço.

Sinalização turística e Acção Promocional, são outros capítulos de grande projecção. Mas sobretudo, a presença da CRTA junto dos mercados turísticos estrangeiros será relevante nos seguintes países: Inglaterra, Holanda, Espanha, USA, Canadá, Bélgica, Países Escandinavos e Alemanha.

Por último foi apresentado um calendário de acontecimentos do Algarve para 1979, que, trilhando a linha do ano transacto, apresenta-se como o mais completo de sempre, preenchendo por todo o ano, e por toda a província, um tempo turístico, que certamente constituirá atração tentadora para aqueles que, cada vez mais, descobrem as potencialidades do Algarve.

Entre as realizações que a Comissão Regional de Turismo prevê para o próximo ano, figuram, em 25, 26 e 27 de Fevereiro, festas de Carnaval em Loulé, Olhão e Vila Real de Santo António; concurso de acordeão em Messines, em 3 de Março; feira de conservas de peixe em Portimão, de 5 a 12 e II Semana da Cozinha

Regional, de 19 a 25 do mesmo mês; em Abril, concerto da Semana Santa, em Faro, no dia 12; semana de música da Primavera, de 16 a 22; IV concurso internacional de pesca desportiva, em Olhão, em 22; e volta ao Algarve em bicicleta, a partir de 25. Em Maio, haverá o V salão internacional de fotografia e em Junho, de 5 a 12, uma semana turística em Vila Real de Santo António e de 8 a 10 o II festival da cerveja no castelo de Silves. Em Julho será o verão musical no Algarve, em Setembro, de 3 a 9 o festival nacional de folclore e em Novembro, de 1 a 9, o rallye internacional do Algarve em automóvel, isto a par de outras provas de automóvel, tiro, vela, motonáutica, ténis, golfe, bridge, etc., que se estenderão ao longo do ano.

Não podemos, a finalizar, deixar de ter uma palavra de apreço para Cabrita Neto. Não vamos acrescentar nada ao muito que já lhe foi atribuído, tampouco entrar no verbo fácil da bajulação gratuita. Demais, a sua figura de homem público, já foi suficientemente catalogada e esmiuçada: elogiado (por muitos), acusado (por alguns).

Apenas poderemos dizer que, enfermando certamente pelas faltas que a condição humana confere a cada um de nós, a sua ação e a sua dinâmica têm superado tudo o que seria de esperar de um homem que, à frente de um organismo carenciado de estruturas próprias, e tomando as rédeas numa altura em que o sector se afogava na ruína, e Portugal cheirava a «terra queimada», conseguiu dar a «volta ao texto», e sacudir a voluntariedade de muito boa gente que havia entrado em descrença total.

Os homens passam, as obras ficam. O tempo, além de consequeiro, será o melhor juiz.

José Manuel Mendes

Esta Conferência de Imprensa realizou-se no Hotel Alcazar em Monte Gordo estiveram presentes muitos representantes da rádio, TV e dos principais órgãos da imprensa diária de Lisboa e Porto e da imprensa do Algarve, os quais confraternizaram no Casino de Monte Gordo durante a jantar que ali lhes foi oferecido.

APARTAMENTOS

VENDEM-SE

C/ 2 e 3 assolhadas.

Em acabamentos, situados na Rua Frei Joaquim de Loulé, 45 — Loulé.

Trata no próprio local.

(4-3)

MECÂNICO

PRECISA-SE

Para máquinas agrícolas.
Trata Stand Avenida —

Telef. 62482 — LOULÉ.

LUIZ PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

n.º 31 — Tel. 62406

LOULÉ

PARA AS SUAS FESTAS PREFIRA O

BOLO-REI DA LOULEPÃO

O MAIS SABOROSO

O MAIS ATRAENTE

Prove o Bolo-Rei da LOULEPÃO

Contacte connosco pelo Telefone 62019 — LOULÉ



móveis pinto

UM TOQUE DE BELEZA E DE CONFORTO

Exposição de mobiliário

CLÁSSICO E MODERNO

dos melhores fabricantes do País

TUDO PARA A CASA

Lojas: LOULÉ

R. Dr. Frutuoso da Silva, 70 — Telef. 62083

Av. José Costa Mealha, 27

PORTIMÃO

R. França Borges, 1-C — Telef. 22015

Entrevista com Cabrita Neto

(continuação da pág. 1)

tivo e educativo para o ano de 79. C. N. — Efectivamente temos tido o cuidado de programar com mais de um ano de antecedência todos os acontecimentos quer de ordem tradicional e popular quer de maior incidência turística-promocional, pois um dos factores que mais contribui para as deslocações das correntes turísticas é o desejo do conhecimento dos costumes e da cultura do País escolhido. Por outro lado os acontecimentos turístico-culturais são elementos de preciosas ajuda a juntar a todo o restante equipamento promocional. Para o ano de 79 temos programado um vasto programa de animação, exposições, manifestações culturais, desporto, variedades, etc. Pode ler-se no calendário de actividades, torneios de golf, de ténis e de vela, o III cross internacional das amendoineiras em flor, semana de filmes etnográficos, o II torneio de Bridge «Amendoim em flor», V torneio internacional de Vela do Carnaval, feira das conservas, concurso de acordeonistas, II Semana da Cozinha Regional Algarvia, concursos de pesca desportiva, festival da cerveja, festas de verão no Castelo de Silves, II Festival de Jazz, 5.º Salão Internacional do Algarve — fotografia, Grande Prémio de Motonáutica na Praia da Rocha, Festas de Verão de Loulé, Serenata na Marina de Vilamoura, Jogos Florais, exposição vinícola e artesanal, Festival de Folclore, Festival Internacional do Castelo de Silves, quinzena filatélica do Algarve, além de outras iniciativas de cunho regional tendentes a promover o turismo na nossa região.

NÃO COMPREENDEREMOS E AINDA NINGUÉM RESPONSÁVEL CONSEGUIU EXPLICAR-NOS POR QUE MOTIVO SÃO REDUZIDAS TÃO DRASTICAMENTE AS VERBAS DESTINADAS A INVESTIR EM PROMOÇÃO TURÍSTICA NO ESTRANGEIRO

V. L. — A duplidade nos meses de Verão da população (residente e flutuante) do Algarve, com tanta gente a consumir as praias, os hotéis, os centros comerciais, os bares, os casinos, etc., não está em sintonia com o turismo da época baixa, com os hoteis desertos e o pessoal a olhar as moscas. As actuais estruturas administrativas têm algum plano que vise transformar esta situação?

C. N. — Como sabe a política promocional da CRTA, que coincide inteiramente com a da Direcção-Geral, é precisamente promover esta região para as épocas média e baixa pois que, temos a consciência não ser necessário fazer promoção nos meses de Julho, Agosto e Setembro, considerando as actuais estruturas existentes. Infelizmente as verbas que têm sido concedidas à DGT (entidade responsável pela promoção no estrangeiro) têm vindo a diminuir. Posso concretizar que em 1977 foi orçamentado em 250 mil contos para promoção no estrangeiro e em 1978, 100 mil. Como é facilmente compreensível estas verbas são em escudos pelo que a redução foi para metade considerando a des-

valorização da nossa moeda e a inflação natural. Com verbas tão diminutas e ridículas não vejo a possibilidade de promover em força o turismo da baixa e da média estação, pois qualquer campanha dirigida ao turista esgotaria estas verbas em poucos dias. Não comprehendo e ainda ninguém responsável me conseguiu explicar por que motivo são reduzidas tão drasticamente as verbas destinadas a investir em promoção turística no estrangeiro, pois países em que o turismo não é tão essencial e tão importante como para Portugal, os investimentos em promoção cifram-se entre 3% e 5% da receita bruta em divisas estrangeiras e, os 160 mil contos aprovados para 78 em relação à receita previsível de 20 milhões de contos não ultrapassou os 0.6%. Acho que é desnecessário fazer quaisquer outros comentários.

«...UMA INICIATIVA MUITO INTERESSANTE...»

V. L. — No recente Congresso Nacional de Viagens e Turismo concluiu-se que um dos frutos a colher é o das Férias Repartidas. Que se lhe oferece dizer sobre este assunto?

C. N. — As Férias Repartidas não serão a rainha mágica que virá resolver o problema da ocupação da indústria turística nas épocas média e baixa, contudo acho que é uma iniciativa muito interessante não só porque dá possibilidade aos portugueses de passarem férias em boas unidades hoteleiras a preços bastante reduzidos, como até, e principalmente, trata-se de uma campanha de mentalização para todos os Portugueses para a problemática do turismo e em que todos nós temos a obrigação de dar a nossa melhor colaboração. Posso acrescentar que a campanha de mentalização já está a produzir alguns efeitos práticos junto de empresários, sindicatos e até responsáveis governamentais. Como curiosidade cito que tenho conhecimento que uma empresa produtora de cervejas (Porto) concede aos seus trabalhadores um subsídio de férias extra além daquele que é estipulado por lei, para incentivar junto dos seus trabalhadores que as férias sejam passadas nas épocas média e baixa.

«...ASPECTOS BUROCRÁTICOS NO BANCO DE PORTUGAL...»

V. L. — Outro dos pontos aprovados, foi a definição de uma política económica-financeira de investimentos. Acha que em Portugal estão criados os alicerces que permitam uma dinâmica de desenvolvimento que se emprenhe na diversificação das actividades económicas?

C. N. — Não estão criados os alicerces nem para o desenvolvimento do turismo nem tão pouco para as actividades paralelas que actuam e que são muito úteis para esta actividade. Com juros elevadíssimos e sem uma política realista de créditos não vejo possibilidades de se desenvolverem estas importantes actividades económicas. Além disso e quanto ao investimento estrangeiro, acho e salvo melhor opinião,

não, que o actual código deve ser alterado com realismo assim como os aspectos burocráticos no Banco de Portugal.

V. L. — Concretamente quais os aspectos burocráticos?

C. N. — Sobretudo devido às demoras e à falta de regras precisas de como e em que moldes o pequeno investidor estrangeiro, que adquire uma casa ou um terreno para a sua construção, tenha rapidamente uma resposta às suas solicitações.

ACREDITAMOS QUE O TURISMO DE VISITA PODE SER UMA REALIDADE PALPÁVEL PARA O INTERIOR DO ALGARVE

V. L. — A serra algarvia continua desintegrada e isolada do mundo turístico. Carecida de escolas, estradas, assistência médica, rede de esgotos, luz, água, etc., a serra é uma região onde tem faltado quase tudo. O Presidente da CRTA, que bastante tem contribuído para o desenvolvimento do Algarve, a quem atribui as culpas? Acha que o interior não reúne as aptidões necessárias ao desenvolvimento turístico?

C. N. — Parece-me que essas estruturas no interior do Algarve são da responsabilidade das Autarquias Locais assim como do Estado. As carências são imensas embora pense que a nova lei das Finanças das Autarquias poderá vir a colmatar essas brechas. Entretanto penso que as Autarquias têm que se apetrechar em meios humanos e técnicos para que esses novos meios financeiros sejam devidamente investidos com realismo e isenção e não com o sentido da política pessoal ou partidária. Conheço o funcionamento e meios de algumas Autarquias do Algarve e sinceramente estou preocupado com a capacidade de gestão e a capacidade administrativa dessas autarquias.

Temos que ser realistas e sinceramente penso que o interior não reúne, a não ser a zona de Monchique, as condições necessárias para turismo de estadia, mas seria de promover e isso estamos a tentar fazê-lo com alguns resultados satisfatórios, o turismo de visita.

O Algarve vende-se principalmente pelas suas praias, costa, belezas naturais e pelas suas gentes e, não estamos em condições de forçar o turista a se ir instalar em zonas do interior, contudo acredito que o turismo de visita pode ser uma realidade palpável para o interior do Algarve.

«...AUTONOMIAS NO PAPEL OU POLÍTICO-PARTIDÁRIAS SERÃO MAIS PREJUDICIAIS QUE O STATU-QUO EXISTENTE»

V. L. — Algumas forças políticas-partidárias defendem a Autonomia Administrativa do Algarve. Concorda?

C. N. — Acho que temos condições para uma Autonomia Administrativa, depende dos moldes dessa autonomia e que meios são postos, humanos, técnicos e financeiros, ao serviço da região. Pois que autonomias no papel ou político-partidárias serão mais prejudiciais que o statu-quo existente.

V. L. — E para terminar. Afirma o sr. Presidente na PAVT, numa intervenção brilhante, que o turismo era o nosso «petróleo». Quer justificar a frase?

C. N. — Eu disse que o turismo nas devidas proporções poderá ser o nosso petróleo. Não somos ricos em matérias-primas e da actividade turística o País pode rapidamente arrecadar muitos milhões de contos em divisas que bem falta fazem à nossa Balança de Pagamentos. Como curiosidade posso ainda acrescentar que o petróleo pode até esgotar-se nos poços mas as belezas naturais do Algarve e as suas condições ímpares para o turismo, se houver um planeamento capaz, são fontes de receitas inesgotáveis.

ESPELHO DOS TEMPOS

«Concerto» algo desconcertante na Domus Municipalis

Para poder observar e comentar a sua decorrência, fomos assistir à Assembleia Municipal de Loulé de 11/XI.

Em dia de S. Martinho prova o teu vinho ou entra no magusto das castanhas e água-pé. A Assembleia, porém, atestou ser abstêmica: nem um copo de água nos quatro cantos do salão. Com o calor da oratória, cortamente que alguns dos eleitos pelo Povo (e até o Presidente do Executivo), devem ter-se retirado, no final da lide, meio deshidratados pela secura dos garganteados.

«Tocou-se» muitos instrumentos — com fíffias e desafinadelas à mistura — numa espécie de «concerto» desconcertante. Apartes da geral? Tá queto, nem um único pão; não obstou, porém, que um dos circunstantes, a meia voz, classificasse os «instrumentistas» como algo démodé, adiantando que do conjunto se salvaram dois ou três solistas, sobretudo um que tocava todos os instrumentos, talvez por ser o mais maduro dos executantes da Ala dos Namorados do Povo, e ainda outro do «bombo» municipal, que também era bom solista na pan-

cadaria (não confundir: pancadaria na excelsa arte dos sons significa percussão, que outros traduzem por bater a tempo e com ritmo).

O ESCUDO «MORDIDO» E TAXIS QUE NÃO SÃO TÁXIS

Veio à ribalta cães que ladram e incomodam o sono pacífico dos justos ou dos pecadores e de outros que ao morder podem contagiar os mordidos. Também o escudo-moeda, que tem sido bem «mordido» no «canil» das cambiais, vem aguentando deslizes constantes no seu valor, desde os consulados gonzávila e socialista; o contágio das «mordidelas» têm-lhe provocado surtos «epidémicos» de inflação galopante, subidas de preços em flecha, desequilíbrios salariais, etc., e aqui entra o velho adágio: casa onde não há pão, todos berram... pelo padeiro! A propósito de pão: — não acham que ele anda um pouco mal fabricado nestas terras da Mãe-Soberana?

Estamos a referir-nos ao pão como alimento físico, porque o outro, o do espírito, continua mesmo desvairado de todo, após a abrilada: governos que saem, governos que entram, greves e mais greves numa onda louca de reivindicações, umas (poucas) com sentido positivo, outras negativas pela mixórdia do vermelho «kolkosiano» da reforma agrária, que de reforma só têm o nome.

Sobre a forma de colmatar a insuficiência de veículos de aluguer em Quarteira (na Assembleia só se falou em táxis, que é coisa (parece-nos) que não existe em Loulé), durante a estação balnear, registou-se consenso quase geral perante a oferta de auxílio diário de 3-4 carros da praça de Loulé, mediante escala prefixa de rotação entre os 16 veículos da vila. Quanto ao consenso, afirmamos quase porque houve dissensão de uma voz que pretendeu misturar «sons» de interesse público com outros (descabidos) de carácter profissional.

QUEM TEM PRESSA — NÃO MANDA OU TELEFONA — VAI A FARO

As «castanhas» quentes de S. Martinho, pitéu especial do «con-

(continua na pág. 6)

**ACOMPANHE
A MODA
VISTA NA BOUTIQUE
PARADIS
AS ÚLTIMAS
NOVIDADES DE PARIS**

Em anexo:
**Salão de cabeleireira
Perfumaria
Artigos decorativos**

★
Gerência de
Maria Aurora Rosa Martinho

★
Avenida José da Costa
Mealha, 115
Telef. 62924 — LOULÉ

FLAPASTAL

Fábrica de Plásticos do Algarve, Lda.

Bom João — Zona Industrial — FARO

Telef. 23435

Caixa Postal 66

TUBOS — MANGAS — SACOS LISOS E IMPRESSOS

Deseja aos seus clientes e amigos Boas Festas e Próspero Ano Novo

ESCRITÓRIO DE CONTABILIDADE

M. CONCEIÇÃO PIMENTEL

ESCRITAS DOS GRUPOS «A» E «B»

ASSUNTOS FISCAIS E CONTABILÍSTICOS

TELEF. 62867 — LOULÉ

HOSPITAL DE OLHÃO

objecto de análise na Assembleia da República

Na sessão plenária da Assembleia da República, realizada no passado dia 4 do corrente, o deputado social democrata José Vitorino, apresentou um requerimento no qual escalpelizou o problema atinente ao Hospital de Olhão à base do qual interpelou o Ministério dos Assuntos Sociais.

Dado o inequívoco interesse que a intervenção encerra, aqui se transcreve o seu teor:

1. Considerando que o Concelho de Olhão, conta com um número de habitantes que rondam os 40 000, distribuídos pelas Freguesias da Fuseta, Moncarapacho, Olhão, Pechão e Quelfes, a quem se terão de garantir adequadas condições de vida económica social e culturalmente;

2. Considerando que o Concelho dispõe de grandes potencialidades nos aspectos agrícola, pesqueiro e turístico que, desde longa data, provocaram um grande desenvolvimento comercial e industrial, sendo urgente dinamizar este último, com particular relevo para as actividades ligadas à pesca, como conservas e farinha e óleo de peixe (salvaguardando os aspetos da poluição) de entre outras;

3. Considerando que estes aspectos justificam e exigem sobejamente que a nível de saúde todos os trabalhadores por conta de outrém e por conta própria bem como a população em geral disponha de assistência médica rápida e eficaz;

4. Considerando que, a partir de subsídio governamental, de fundos dos pescadores e dádivas da população se criou o Hospital de Nossa Senhora da Conceição, que dispõe de 60 camas e de meios técnicos e humanos que durante mais de 20 anos, garantiram a prática de todo o tipo de cirurgia, tendo atingido em 1965,

392 grandes intervenções e 116 pequenas.

5. Considerando que com o envelhecimento e morte em Abril de 1978, do médico anestesista que aí prestava serviço, Dr. Manuel Guita (a que o PSD pela sua competência e dedicação presta justa homenagem) sem que tivesse sido substituído, o Hospital se limita praticamente a prestar serviços de pequena cirurgia e a internamentos da 3.ª idade, a não ser nos casos em que os médicos - operadores arranjam anestesistas para prestar colaboração, em casos concretos de grande cirurgia. Assim, por exemplo até ao fim de Outubro de 1978 foram efectuadas 238 operações de pequena e apenas 108 de grande cirurgia.

6. Considerando que, da falta de um anestesista no Hospital de Olhão, resulta(m):

a) Graves consequências para a população do Concelho que, frequentemente, tem de recorrer ao Hospital de Faro para fins cirúrgicos com as graves consequências humanas e financeiras daí resultantes. Acresce, por exemplo que as parturientes normalmente vão para Faro com receio que seja necessária uma operação, o que em geral causa grandes incômodos e, por vezes, pode ter consequências trágicas;

b) mau aproveitamento do investimento técnico e humano existente no Hospital de Olhão e dos gastos que mensalmente são efectuados em encargos fixos, que rondam os 1 000 contos;

c) Que se provoca uma sobrecarga no actual Hospital de Faro, já de si a debater-se com falta de condições;

7. Considerando que, por outro lado, recentemente o Hospital de Olhão, deixou de se designar Hospital de Nossa Senhora da

Conceição, o que não tem qualquer justificação;

O Partido Social Democrata, no seguimento da abordagem feita ao problema do Hospital de Olhão, em Outubro de 1977 nesta Assembleia, solicita ao Ministério dos Assuntos Sociais as seguintes informações e esclarecimentos:

A) No plano geral da rede de centros de saúde para o Algarve quais os planos existentes, para dar resposta integral às necessidades da população do Concelho de Olhão, com vista a garantir uma adequada assistência médica?

B) Concretamente, como pensa o Governo, a curto prazo, resolver os problemas resultantes da falta de um médico especialista em anestesia?

C) Para quando prevê o Governo que o Hospital de Olhão passe a designar-se novamente por Hospital de Nossa Senhora da Conceição, embora tenha como área geográfica a abranger todo o Concelho, aliás como sempre aconteceu?

Transcrições de «A Voz de Loulé»

«A Barricada» é um jornal de combate sempre pronto a denunciar velharias ou malabarismos e que, corajosamente, tem sabido colocar os interesses de Portugal acima de mesquinhos disputas partidárias.

Por isso mesmo não é de estranhar que o seu corpo redatorial acompanhe as opiniões daqueles cujo ideal é igualmente lutar pela integridade de uma Pátria que já foi grande entre os maiores e que por isso mesmo já não pode ser mais esfrangalhada nem vendida a interesses estranhos.

Vem isto a propósito do comentário que antecedeu a transcrição do artigo «Uma Chávena de Chá», publicado na «Voz de Loulé», da autoria de Luís Pereira e publicado neste jornal.

Embora as consideremos imprecisas, não podemos deixar de agradecer as seguintes palavras, publicadas na sua habitual secção:

LEMOS NO JORNAL

Dirigido sabiamente por José Maria da Piedade Barros, o se-

manário algarvio, «A Voz de Loulé» é sem dúvida um dos mais prestigiosos órgãos da Imprensa Regional, que patrioticamente se bate pelo respeito e exaltação dos mais altos valores da história e da cultura lusíada, fazendo parte daqueles muitos que lutam contra a traição e a destruição de Portugal em que se obstinam falsos profetas da liberdade e da democracia, lacaios de tiranos estrangeiros que se encarniçam contra o povo português, uma guerra sem quartel para o submeter ao seu despotismo e exploração.

É de «A Voz de Loulé», a crónica «Uma Chávena de Chá», assinada pelo ilustre colaborador deste semanário, que hoje transcrevemos nesta secção, preenchendo assim o espaço que semanalmente reservamos para o que de melhor lemos na Imprensa Regional, que consideramos como a autêntica grande Imprensa nacional.

Assim, apresentando os nossos mais cordiais cumprimentos e o testemunho da nossa admiração ao ilustre director de «Voz de Loulé», e ao seu distinto colaborador que assina «Uma Chávena de Chá», aqui transcrevemos a sua crónica, com a devida vénia.

VAI A LISBOA?

Hospede-se no HOTEL LIS, de 2 estrelas.

Situado na Avenida da Liberdade, 180.

Telef. 537771 e 563434.

Quartos com aquecimento, banho, telefone e com baixos preços.

(8-7)



SEDE:

Vale Caranguejo TAVIRA

Telefone 23051 a 057

SUCURSAIS:

TAVIRA — Rua João Vaz Corte Real, 2 a 8-5-9

VILA R. STO. ANTÓNIO — Rua Gen., H. Delgado, 52

OLHÃO — Avenida da República, 70-74

FARO — Rua Ataíde de Oliveira, 105-A

LOULÉ — Travessa do Mercado

PORTIMÃO — Rua D. Carlos, 1-2-9-13

GRÂNDOLA — Rua Vasco da Gama, 37-41

SETÚBAL — Rua Dr. Alves da Fonseca, 4-5-A-B

BARREIRO — Rua Eça de Queirós, 12 a 16

ALMADA — Avenida Rainha D. Leonor, 8-A, B, C

AVEIRO — Rua Cap. João Pizarro, 50-52-A

S. JOÃO DA MADEIRA — Rua da Liberdade, 48-52

**UMA GRANDE ORGANIZAÇÃO
AO SEU SERVIÇO
DE NORTE A SUL DO PAÍS**

Deseja a todos

BOAS FESTAS

e

próspero

ANO NOVO

em paz e alegria

Juristas do Algarve apoiam a Reforma Agrária

(continuação da pág. 1) do regime fundiário existente antes do 25 de Abril se poderá alcançar a paz e o bem estar no seio da nação portuguesa. Que só com a Reforma Agrária se podem criar condições de industrialização e estabelecer os fundamentos da independência económica e política de Portugal. Sabem os signatários que não pode haver democracia sem Reforma Agrária pois só esta permite o inadiável acréscimo de produção de bens e a justa distribuição da riqueza que garantam a todos os portugueses a possibilidade de uma vida digna.

Por isso entendem e isso mesmo tornam público, que o Governo português deve urgentemente aceitar e praticar o diálogo construtivo que os trabalhadores da terra lhe propõem e cessar imediatamente os actos de violência e repressão que injustificadamente vem desencadeando contra os pacíficos trabalhadores, sem os quais o País não pode avançar na senda do progresso e que só pretendem produzir sempre mais, em condições de dignidade e com o apoio e o respeito dos poderes públicos.

É um facto incontrovertido e conhecido de todos os portugueses, que não há um único partido político que não compreenda nem afirme a necessidade de levar a cabo a Reforma Agrária em Portugal. Sendo assim está criada a plataforma para a negociação no diálogo aberto e na concórdia entre governantes e trabalhadores.

E é isso que os signatários, pensando sempre no povo português, exigem do Governo.

Faro, 19-12-78.

A COMISSÃO DE JURISTAS DO ALGARVE DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA

COMISSÃO DE JURISTAS DO ALGARVE DE APOIO À REFORMA AGRÁRIA

Dr. Águedo Serrano — Portimão
Dr. Álvaro Pedro Café — Faro
Dr. Carlos Alberto Ramos

Santos — Tavira
Dr. Francisco Dias Costa — Tavira

Dr. João Carlos Dionísio — Botelheiro — Faro

Dr. Luís Alberto Carvalho — Faro
Linhos Correia — Faro

Dr. Luís Catarino — Portimão
Dr. Luís Filipe Madeira — Loulé

Dr. Manuel Campos Lima — Portimão

Dr. Manuel Lopes Nogueira — Loulé

Dr. Manuel Ramires Fernandes — Faro

Dr. Maria José Mendonça de Sousa — Loulé

Dr. Oscar Pinto e Costa — Faro

Dr. Rogério Silva — Olhão

Dr. Teodoro de Sousa — Silves

Dr. Valério Bexiga — Faro

Dr. Vasco Gracis — Lagos

N. D. — Depois de pensarmos no conteúdo deste Manifesto, ocorreu-nos 3 opções: simplesmente não publicar; publicar sem comentários ou publicar e comentar a atitude dos 17 juristas do Algarve.

Optámos pela última alternativa, pois entendemos que viver em autêntica democracia é dar livre expressão ao pensamento de cada um.

Portanto, se há 17 juristas do Algarve que se sentem no pleno direito de apoiarem a Reforma Agrária, nós, que somos algarvios, também nos sentimos no direito de comentar a sua atitude, pois também apoiamos uma Reforma Agrária que reforme os métodos de exploração da terra e não uma Reforma Agrária que mais não tem sido que uma Roubalheira Agrária.

E que outro nome se poderá chamar ao assalto à propriedade privada que se verificou no Alentejo, com a consequente destruição de culturas, de árvores, de alfaias, de frutos, de máquinas agrícolas, de tractores, de veículos automóveis? O saque de solares onde se guardavam autênti-

cas relíquias do nosso passado histórico, cultural e artístico?

Roubar rebanhos, cereais, cortiça, etc., etc.; provocar o exterminio de cavalos de puro sangue e de tantos outros animais; deixar a azeitona por apanhar; não cultivar as terras que os grandes agrários deixaram abandonadas, será Reforma Agrária?

Ameaçar de morte e expulsar de suas casas homens válidos, que transformaram terras incultas em propriedades altamente rentáveis e que eram exemplos actuentes e dinamizadores duma agricultura válida e produtiva, será Reforma Agrária?

A Reforma Agrária que nós continuamos a defender, é aquela que mereceu críticas formuladas pelo Dr. Luís Madeira contra «A Voz de Loulé» aquando duma sessão realizada no Cine Teatro Louletano e durante a qual o nosso ilustre conterrâneo prometeu que o Partido Socialista iria construir 2000 barragens no Algarve.

E assim, com mais barragens, com mais arável, a produzir mais e mais produtos hortícolas e mais cereais é que nós entendemos uma verdadeira Reforma Agrária.

Não aquela que nos amarra cada vez mais às importações maciças de géneros alimentícios dos países capitalistas de, praticamente, quase tudo o que precisamos para comer.

Já importámos cortiça, de que fomos os maiores exportadores; já importámos mais trigo do que nunca; (além daquele que generosamente nos tem sido oferecido pelo Canadá) já importámos palha e azeite (de que fomos grandes exportadores) e agora, para cume dos cúmulos, até vamos importar (pela 1. vez na nossa história!) vinho! Aquela deliciosa nectar que chegou a estar em 1.º lugar como produto das nossas exportações!

Será para atingirmos a penúria de pedentes, que os 17 Juristas do Algarve apoiam aquela Reforma Agrária, que felizmente, só atingiu o Alentejo?

Como a nossa ignorância jurídica é imensa, nós não podemos pôr em causa nem o descernimento, nem a capacidade intelectual dos 17 ilustres causídicos do Algarve, mas parece-nos que a sua atitude é paradoxal quando afirmam que o Governo atropela a Lei Constitucional, quando afinal todos os responsáveis afirmam que o Governo apenas pretende ser firme no cumprimento duma Lei aprovada pela maioria Parlamentar e são exactamente os trabalhadores que são incitados (por forças estranhas), a não cumprir a Lei!

Isto é particularmente curioso, pois sempre pensámos que a principal missão dos advogados era exactamente defender a legalidade.

Nem de perto nem de longe nos move qualquer intenção de travar polémica com tão altos valores jurídicos que assinam o Manifesto, mas mesmo assim atrevemo-nos a inverter as suas afirmações para lhes dizer que: SÓ HA DEMOCRACIA ONDE NÃO HOUVE AINDA REFORMA AGRÁRIA, e daí a razão principal porque os maiores países não socialistas são os grandes exportadores de bens alimentares e onde a distribuição da riqueza e o bem estar atingem mais elevada percentagem da sua população.

É estranhável que os subscritores do Manifesto ignorem que só tem havido violência e repressão no Alentejo quando os trabalhadores teimosamente recusam cumprir a Lei.

Estranha Reforma Agrária esta que não reforma coisa nenhuma e apenas visa destruir o que houver de melhor!

É incrível como há quem possa afirmar exactamente o contrário duma tão límpida verdade!

Considerando que ao Governo simplesmente compete fazer cumprir as Leis, nós pensamos que compete aos advogados aconsel-

har os trabalhadores a cumprir a Lei. Ou (já) não será assim?

No entanto o mundo está tão invertido que, se calhar, até já nem é assim. Contudo, quando altos valores se levantam, nós aceitamos a nossa ignorância.

E foi por isso que não comentámos o recente Manifesto de intelectuais de Coimbra em apoio (também) à Reforma Agrária.

É muito esquisito que agora se peça ao Governo para «aceitar e praticar o diálogo construtivo» quando afinal os trabalhadores não dialogaram com ninguém quando ocuparam as propriedades e expulsaram das suas casas os respectivos e legítimos proprietários preferindo sempre as mais cuidadas herdades e as melhores casas, cujos recheios voaram misteriosamente.

A concórdia é possível onde houver legalidade e honestidade. E são estes os nossos votos.

Pensámos duas vezes antes de tomarmos a decisão de publicar e comentar um Manifesto assinado por 17 Juristas do Algarve, por entendermos ser um tanto ou quanto arriscado tomar uma atitude de firmeza face a este problema. Seria muito mais cômodo não levantar ondas e deixar «passar o barco», como faz a maioria em idênticas circunstâncias. Entendemos, porém, que não podíamos deixar de aproveitar esta excelente oportunidade para exteriorizarmos o nosso grito de revolta, que há muito vimos sentindo, perante tão monstruosas injustiças que se têm cometido no nosso Alentejo em nome duma coisa que se convencionou chamar de Reforma Agrária, mas que, afinal, não tem sido mais do que uma jogada política muito habilmente manobrada por um certo partido político.

Só a ânsia de justiça que nos vai na alma, e que muito sinceramente desejamos ver espalhada por todos os portugueses, nos poderia ter dado coragem para comentar desassombroadamente um manifesto assinado por 17 Juristas do Algarve.

PROPRIEDADE

Vende-se uma propriedade, com amendoeiras, alfarrobeiras, figueiras e boa terra de semear. (Próximo da Vila).

Tratar na Rua Condestável D. Nuno Álvares Pereira, 3 — LOULÉ.

(3-1)

FOGÕES A LENHA OLIVEIRINHA

Com fogões ehmaltados com 93x66 cms. ao preço de 7.950\$00 não há frio em casa. Economia total. Adquira um fogão na firma LU AUTO, LDA, na Av. José da Costa Mealha, 37 em LOULÉ (frente ao cinema).

(2-1)

PORCOS

De raça branca, vendem-se 5 porcos, pela totalidade ou separadamente. Com peso entre 80 e 90 Kg.

Tratar com Ramos e Barros. Quinta da Maritenda — BOLIQUEIME.

Espelho dos Tempos

(continuação da pág. 4)

certo», talvez devido à morosa «digestibilidade da comida» — «Inquérito à construção civil de Loulé» (problema mais uma vez adiado, num país também ele adiado) e «Lei do ordenamento dos solos» — concluiu-se entre o nulo e o infrutífero. Ao fim e ao cabo foi uma solução de Patologia Digestiva, atendendo aos estômagos vazios (e ácidos) dos gladiadores da Assembleia. Alguns maximalistas, usam a sabedoria pouco salomónica, mas muito em voga «neste país»; as coisas não são para se fazer já, são para se ir fazendo (como ouvimos dizer algures).

A Lei dos solos, ainda encontrou alguma explicação por parte de dois «solistas»: o tal maduro que sopra vários instrumentos e o chefe de «bombardeiros» da Câmara. Ambos chegaram à conclusão que a Lei, por aí, é do seu articulado, algo desconexo pelas distorções entre a tecitura normativa e interpretativa, pode impedir a construção de casas em solos com reconhecida aptidão agrícola. Esses terrenos pertencem aos grupos A, B e A/B (salvo erro ou omissão foi o que conseguimos captar de ouvido aos dois interlocutores).

Portanto, quem quiser construir deve requerer documento classificativo do terreno, junto de organismos instalados na capital do distrito. Por isso recomendamos aos interessados: quem tem pressa, não manda ou telefona, vai a Faro. A repartição competente é a da Engenharia Agrícola, mas as licenças (ou indeferimentos) podem obter-se através da Direcção-Geral dos Serviços Agrícolas Regionais. Obtido o documento sobre a utilização do terreno, o processo de edificação junto da Câmara simplifica-se. Acelera-se a burocacia documental pelo sistema «práfretnex».

DESAFINADELAS E FÍFIAS

DO «CONCERTO»

Desafinar acontece a qualquer diletante, mal-grado ser bom executante. O pior é quando se desafina constantemente por não se saber «tocar» ou interpretar a «música». Sucedeu isso amiudadas vezes em decisões de variado grau e importância, e até em matéria política. Aconteceu esse desencanto com duas «partituras»: a sinfonia do reaccionarismo e a suite «A Lei e os cães da GNR na planície alentejana».

De todos é sabido, que o vírus político-partidário só provoca perturbações doentias, não dá de comer a ninguém (dizem os ingénios), mas faz cruar barriga a muito «instrumentista» — oportunista convicto, desinteressado e sem ambições. — Ora tomai Sob a capa do maneirismo e de intenções (quantas delas falsas) de boa militância, o vírus alastrou por «este país» fora, adoptando vá-

rios nomes e formas: compadrio, nepotismo, venalidade, corrupção, tachismo, intriguismo, assalto dos incompetentes a postos rendosos, etc. Enfim, das lixeiras nasce uma nova classe: a oligarquia dos desavergonhados!

Estercar, misto tudo, nausear, depois, eis a obrigatoriedade do comentarista!

Prossigamos. Falemos da Proposta 1 da APU para a passagem de licenças de caça e cães pelas juntas de freguesias. Alguém nos alertou que o processo não teria sido bem conduzido. Procurámos averiguar a chegamos à seguinte conclusão: a proposta deveria ter sido invocada com base no nº 1 do art.º 48.º da Lei 79/77, que confere competência à Assembleia Municipal para deliberar, segundo o disposto na alínea v), que reza o seguinte: «(Autorizar, quando se presume que disso resultará benefício para o interesse comum, a prática, por parte das juntas de freguesias, de actos da competência da Câmara Municipal)». Portanto, a proposta ao ser evocada ao abrigo da alínea s) do art.º 17.º, sofreu logo de nulidade decisória, e como tal devia ter sido rejeitada a sua admissão no foro da Assembleia. Se o documento procedesse de decisão da Assembleia de freguesia — em vez da apresentante ser a APU — a proposta teria cabimento na Assembleia Municipal, se apresentada por intermédio do presidente da respectiva Junta, que tem assento automático neste orgão deliberativo.

Mau grado a proposta sofrer do defeito de interpretação, a Mesa da Assembleia Municipal, e os seus membros, não lhe opuseram objecções, certamente por desconhecimento, e assim foi indevidamente aceite, discutida e aprovada.

É uma «fíbia» que não traz grande mal ao mundo municipal, mas que, noutras circunstâncias, poderia trazer.

Para ponto final do «concerto» e da crónica, vamos anotar outra «fíbia».

Por uma senhora que faz parte da Assembleia Municipal de Loulé, foi apresentado, em nome do Partido que representa, um voto ou uma moção de congratulação pela promulgação da Lei das Finanças Locais. Ora isto é um erro de certo modo aborrecido. Se tivesse sido proferido na Assembleia da República, era natural que provocasse risos, pois essa Lei sonante se acha **decretada** pela Assembleia e aguarda, na Presidência da República, a oportunidade de ser promulgada, o que se verificará quando for subscrita pelo sr. Presidente da República e divulgada depois pelo jornal oficial: o «Diário da República». Até esta data, fim de Novembro, tal promulgação ainda não se veificou.

ETOCRATA

(atrasado na tipografia)

TERRENOS

ALGARVE

QUINTAS, FAZENDAS, COURELAS (C/ OU S/ CASA).

PARA TODAS AS DIMENSÕES, PREÇOS E LOCALIZAÇÕES.

COMPRA E VENDE: JOSÉ VIEGAS BOTA — R. SERPA PINTO, 9 — TELEF. 62634 — LOULÉ.

Saibamos vitalizar

o NOVO ANO recém-nascido

(continuação da pág. 1) o de consolidar a convicção de que o futuro está vinculado de forma muito estreita com as correntes e decorrências presentes. Poderá dizer-se, por acréscimo, que o futuro é sequência das predominâncias vigorantes, ou por outras palavras, que é uma resultante da capacidade ou incapacidade contentoras em gestação.

Teremos assim bom Ano Novo, se o «ano velho» cuidou deixar, como herança, o promissor testemunho, capitalizado pelos auspícios e tutelas da longanimidade e da vontade institucionalizadas.

A vontade, é factor anímico vital e gerador.

Desejamos (queremos) que o Novo Ano seja melhor que o seu antecessor. Nesta volição está implicita uma predisposição moral, admitirmos optimista e catalizadora, mobilizada contra as contrariedades que sabemos es-

perarem-nos algures.

É também em si um acto de fé que se projecta no social.

Teremos um Bom Ano Novo se este for propício não só para este ou para aquele, mas para a comunidade em que vivemos.

Incapazes de lhe descodificar o carácter ainda embrionário, — por quanto adivinhar é-nos proibido — não deixamos de lhe acreditar amistosa e esperançosa mente...

Portanto: BOM ANO NOVO PARA TODOS!

J. C. VIEGAS

Curso de formação de professores de Português

(continuação da pág. 1) muito, mesmo sem pretensões a professores, poderão vir a aperfeiçoar o seu português didáctico. Posto que o saber não ocupa lugar e até oferece reconhecidas vantagens, recomendamos em especial aos jovens extra-escolares a sintonia deste programa, certos de que da sua regular audição se poderão arrecadar proveitos certos.

Escada «Magirus» chega a Loulé

(continuação da pág. 1) vocou desusado avôroço pois para assinalar festivamente o facto funcionaram as sirenes e hipocam foguetes.

De compreender de resto o entusiasmo exteriorizado, não só porque foi colmatado um longo e moroso processo de aquisição mas em especial porque os bombeiros desta Vila ficaram apetrechados adequadamente de um poderoso equipamento de salvamento que, obviamente estará ao serviço do Algarve.

Por intermédio da escada «Magirus», torna-se possível durante proceder ao salvamento de vidas em prédios sinistrados de grande porte, o que veio sobremaneira reforçar a capacidade operacional dos Bombeiros de Loulé.

Está, portanto, tanto de parabéns Loulé como os seus Bombeiros Municipais.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

2.º CARTÓRIO

Notário: Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

Certifico, para efeitos de publicação, que neste Cartório e no livro de notas para escrituras diversas, n.º A-56, de fls. 93 a 95, v.º se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, outorgada no dia 22 do mês corrente, na qual José de Sousa Custódio e mulher, Benvinda Rosa Mendes, residentes na Rua da Tapada, n.º 28, no lugar de Algueirão freguesia de Algueirão, Mem Martins, concelho de Sintra, se declararam donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrém, do seguinte prédio: — urbano, constituído por uma morada de casas térreas, para habitação, com três quartos, cozinha, corredor, casa de banho, duas dependências fora do prédio, destinadas a arrecadação e lavandaria, cisterna e quintal, com a área coberta de 125,90 m², e a descoberta de 356,60 m², no sítio de Betunes, freguesia de São Clemente, concelho de Loulé, que confronta do norte com Maria Fernanda dos Santos Agostinho, do nascente com José Francisco Guerreiro, do poente com António da Silva e do sul com estrada, a que atri-

buem o valor de 120 000\$00;

Que o mesmo prédio se encontra omissa na Conservatória da Registo Predial deste concelho, e na respectiva matriz predial, tendo, no entanto, sido apresentada na Repartição de Finanças deste concelho, no dia 5 do mês corrente, declaração de crédito melhorado, pois que o mesmo se encontrava inscrito anteriormente, sob o artigo n.º 4498, em nome do justificante marido.

Que este prédio melhorado, como se disse, anteriormente, inscrito na matriz predial urbana sob o artigo n.º 4 498, resultou de melhoramentos igualmente introduzidos pelos justificantes, no prédio urbano inscrito na matriz predial urbana sob o artigo n.º 1 853, e que a justificante mulher, havia herdado, já no estado de casada de seus pais, Joaquim de Sousa Mendes e Maria Rosa, em pagamento da sua parte na partilha amigável que, com os demais co-herdeiros e interessados, fizeram da herança aberta por óbito de seus referidos pais, acto que nunca reduziu a escritura pública, mas que sabem ter sido em data imprecisa do ano de 1946.

Que desde essa data, portanto, há mais de trinta anos, sempre o referido prédio urbano, e posteriormente os melhoramentos atrás ditos têm vindo a ser possuídos, em nome próprio, sem a menor oportu-

nição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, não tendo em face do exposto, documentos bastante para fazer prova do seu direito de propriedade plena, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 26 de Dezembro de 1978.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

Lutadores anti-fascistas e outros

Há vários lutadores: anti-fascistas, anti-terroristas, de luta grecoromana, etc. Uma coisa é certa: após a luta vem o cansaço.

Para vencer o cansaço, durma num colchão EPEDA ou Delta Loc, ambos com garantia «Spring Spring-mark».

Adquira-os na CASA SIMÃO, na Av. Marçal Pacheco (10-6)

Atendedor / Vendedor

De carburantes precisa-se. Trata-se na Shell — LOULÉ.

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE» Pelo Dr. Ataíde Oliveira

— Estou pronto: serei prudente e diligente.
— És um homem, disse o mouro.

E o carpinteiro aproximou-se do alguidar com os alforjes às costas e mediou com os olhos a sua largura.

— Espera um pouco. É necessário que o grande astro se encontre na devida conjunção. Faltam apenas dois minutos. E agora digo que se desencantares as minhas filhas receberás a satisfação condigna por intermédio de muitas vias.

— Andarei pelo ar muito tempo? — perguntou o carpinteiro, visivelmente incomodado.

— Em breve o saberás.

O artista aproximou-se do alguidar e segurou com energia os alforjes e os pães.

— Salta! ordenou o governador numa voz cava e acentuada, que perfeitamente imitava o estertor de um moribundo, nos últimos momentos de agonia.

O carpinteiro deu o salto e desapareceu.

Em seguida o velho governador dirigiu-se para a Mesquita e foi ajoelhar em frente do nicho que existe em todas as Mesquitas e que corresponde à porta do templo de Meca, chamada **alquella**.

Conservou-se ali por muito tempo em profundo recolhimento de espírito.

Os mouros passavam-lhe ao lado e diziam entre si, com profundo respeito:

— Está em oração o **Çala ben Çala** (o justo dos justos).

Quando o governador se afastou do lugar, todos se curvaram à sua passagem. É que o governador era muito respeitado pelo seu valor, pela sua fé e pela sua infelicidade.

E, entretanto, o carpinteiro atravessava como uma águia os ares e saltava os mares, chegando às portas da vila, ao romper da manhã.

Sentou-se a tomar fôlego, esperando que fossem abertas as portas, e não sei se chegou a penitenciar-se de ter empreendido tão grande travessia por um processo menos católico.

Rompeu o sol no horizonte! Como é belo o nascer do sol na nossa província! Que encantos lhe não encontraria o pobre artista com os braços livres das algemas do cativeiro!...

Encaminhou-se para uma casa e bateu à porta. Quando lhe apareceu a mulher e ambos se abraçaram num mútuo amplexo, estavam já cercados de muitas pessoas da vila, ávidas de notícias.

O carpinteiro, porém, depois de abraçar a mulher e beijar os filhos, subiu ao sotão e foi guardar os três pães dentro de uma arca usada, onde estavam as velhas alfaias, que de nada serviam.

Nesse dia fartou-se de mentir para responder às perguntas impertinentes dos seus patrícios.

É escusado dizer que nas suas respostas fez sempre por sobre-sair a crueldade dos mouros, que se entretinham dizia, em cortar aos cátivos a pele das costas com uma faca.

E não andou mal, porque se ele dissesse que tinha atravessado os ares por intermédio dos sortilégios, talvez que uma fogueira lhe queimassem as carnes e os ossos.

* *

Nas tardes dos domingos e dias santificados, saía o carpinteiro da vila em passeio à fonte e ali se conservava, horas inteiras, com os olhos fixos na água da fonte, esperando, a cada momento, lobrigar lá no fundo algumas das desditosas encantadas. Quando começava a escurecer, voltava para casa, e ia observar os três pães escondidos na arca.

Tantas vezes abriu a arca que a esposa, na ausência do marido, foi ver o que a arca continha. Viu os três pães e ficou surpreendida. Conteriam os pães algum dinheiro? ou algum segredo do esposo apaixonado? Resolveu pedir informações ao marido.

— Não lhes toques, respondeu o marido visivelmente incomodado, quando a mulher o interrogou.

Esta resposta simples e formal maior desconfinça despertou na mulher. Em uma tarde de domingo, na ocasião em que o marido, debruçado na fonte, espreitava as mouras, subiu a mulher ao sotão, abriu a arca e deu, com uma faca, grande golpe num dos pães. Imediatamente começou a sair sangue pela cutilada. Amedrontada, a mulher curiosa escondeu o pão entre os outros e fechou a arca à pressa.

Nesse mesmo momento o marido, debruçado na fonte, ouviu distintamente um enorme grito saído do interior e da parte mais funda das águas. Sentiu arrepiarem-se-lhe os cabelos e não soube explicar o fenômeno.

A mulher nada contou ao marido.

Chegou afinal a noite da véspera de S. João, noite igualmente festejada por mouros e cristãos. Apenas começou a escurecer, dirigiu-se o artista para a fonte, levando nos alforjes os três pães.

— 12 —

PEDAÇOS DE VIDA

texto e presença de JOSÉ MANUEL MENDES

AUTÓPSIA DE UM CRIME

Curioso, o caso daquele professor desempregado, que em França matou a mulher e os três filhos, ainda pequenos, a tiros de carabina, e acabou por fim consigo próprio, após comunicar telefonicamente com a Polícia, relatando-lhe os homicídios ocorridos, e o suicídio eminente.

Tudo isto é tanto mais curioso, não porque seja novidade no cadastro diário que mancha as páginas do mundo, mas pela ocasião em que se deu, e nas circunstâncias em que ocorreu. Tudo se torna mais curioso do que a curiosidade banal de todos os dias, por quanto toda esta tragédia aconteceu no dia de Natal, o dia mundialmente consagrado à união e ao amor entre os homens em geral, e entre as famílias em particular.

Provavelmente, muitos de nós terão comentado sarcasticamente, ao ouvir a notícia de tão nefasto acontecimento, tratar-se obra de um louco, quem sabe, de um cíumento, mais longe ainda, de um fanático de alguma seita religiosa. Tão sarcásticos, esses muitos de nós, que até se esqueceram que era Natal, e que essa maldadezinha da invenção e da imaginação do comentário, não cabia dentro das regras por eles próprios estabelecidas e confirmadas para aquele dia sagrado. Um sarcasmo tanto mais chocante, quanto é certo que não serem conhecidas, e provavelmente nem interessarão para o negócio da «grande informação», as verdadeiras causas subjacentes ao desequilíbrio de tão drástico, quanto decidido e premeditado acto.

Era desempregado, aquele professor. Mas o desemprego, ele próprio, é um mal quotidiano, que nos habituou à sua presença, paredes connosco, na sociedade em que vivemos. O desemprego, não sou eu, nem és tu, mas somos muitos milhões, muitas percentagens, muitos números, em todo o mundo. É isso, o desemprego é uma comunidade. De interesses. De situações. De doutrinas. Mas... e em tudo há sempre um mas, quando falamos em comunidade, até em comunismos, até à origem étima do que é comum, muitos se esquecem, de que muita coisa pode ser comum, comunitável, comunitante, mas nada é igual, nem igualizável, nem igualizante. Existem, fundas em nós como os genes de que nascemos, diferenças irreparáveis. Na maneira de sentir. Na maneira de reagir. Na maneira de superar e de vencer os mesmos problemas.

ORGANIZAÇÃO DO «PAI NATAL DE PORTUGAL» DISTINGUIU

«A VOZ DE LOULÉ»

Recebemos, por amável gesto de deferência que nos cumpre assinalar e agradecer, da organização «Pai Natal de Portugal» (da Póvoa de Varzim), várias centenas de senhas habilitadas ao sorteio de diversos prémios, entre eles o de um automóvel e de um passeio à Disneylândia (E.U.A.).

A deliberação de que fomos alvos, foi tomada pela administração do «Pai Natal de Portugal», em sessão de 5 de Dezembro último.

As senhas referidas foram entregues a pessoas que exercem actividade nesta empresa.

Mais uma vez, reiteramos os nossos agradecimentos.

A. S.



Álvaro Clemente — um «self-made-man»

Televisão portuguesa, 2.º Canal (o tal que o Algarve ainda não vê). Noite de 20/12/78. Joaquim Letria, em «Directíssimo», apresenta «o melhor alfaiafe do mundo», ou seja, o louletano Álvaro Clemente, industrial, há 25 anos radicado em Caracas (Venezuela).

Ouviemos Álvaro Clemente:

— Desde os 12 anos que sou alfaiafe. Comecei como aprendiz e, aos 16 anos, abri em Loulé, minha terra natal, a 1.ª alfaiaaria. Aos 20 anos tinha 3 casas, uma das quais em Faro. Nesse tempo, muitas pessoas chegavam ao pé de mim e diziam-me: «eu quero falar com o patrão». Não imaginavam que aquele jovem pequeno e franzino fosse mesmo o patrão...

O jornalista pergunta, o que são as célebres «noites de Clemente», em Caracas?

— Bem responde A. C., quando eu cheguei a Caracas, há 25 anos, não conhecia ninguém. Tive sorte de arranjar trabalho numa casa importante, onde vim a conhecer políticos, homens de negócios, artistas... Mais tarde, estabeleci-me por conta própria e muitas dessas pessoas ilustres tornaram-se meus clientes. Hoje eu gosto de dar, todos os anos, uma festa social, onde há música, champanhe, convívio... é a chamada «noite de Clemente» (assim, com sotaque francês), de que os jornais e revistas depois muito falam...

Joaquim Letria interroga: vem muitas vezes a Portugal?

— Sim. Chego a vir 6-7 vezes por ano à Europa, assistir a passagens de modelos: Paris, Roma, Londres, etc.. Mas venho sempre visitar Lisboa e os muitos amigos

que cá tenho. Além disso, vou sempre visitar a minha mãe, que vive em Loulé, outros familiares e amigos, muitos dos quais só me conhecem por «lorque»...

— E a estátua a Simão Bolívar? — pergunta o jornalista.

— Sim, foi inaugurada no dia 17 de Dezembro, com a presença do Presidente Ramalho Eanes e de outras personalidades. Essa estátua ao libertador de 5 nações foi um desejo da comunidade portuguesa, uma forma de agradecimento à maneira amável como os portugueses são recebidos e tratados na Venezuela. A estátua a Simão Bolívar ficou perfeitamente enquadrada na nossa Avenida da Liberdade!

— Álvaro Clemente é milionário? — pergunta Letria.

— Não. Sou apenas milionário de imaginação... tenho na verdade uma rica imaginação...

Letria insiste:

— Mas, e os fatos a 45 contos, o «Rolls-Royce», as festas mundanas?...

— Sim. Tudo isso é verdade, mas são coisas que fazem parte de um certo estilo de vida. As pessoas gostam e eu procuro agradar-lhes... Mas em Portugal há também bons alfaiafeis e os portugueses podem cá vestir bem e bastante mais barato...

Álvaro Clemente. Um louletano (mais um) que há 25 anos deixou a sua terra. Trabalhou, lutou, fez-se a si próprio — é um «self-made-man». É um daqueles que «apanhou o comboio», apesar da velocidade... E é também um exemplo para aqueles que se deixaram ficar na estação!

R. CALDEIRA

O JORNALISTA ALGARVIO Torquato da Luz

é Director de «Jornal Novo»

Depois de, em data relativamente recente, ter exercido as funções de director interino e subdirector do «Jornal Novo», Torquato da Luz foi agora nomeado, por vontade dos redactores, director daquele importante órgão da imprensa diária.

Natural de Alcantarilha, onde nasceu em 1943, este nosso compatriota e amigo frequentou os seminários de Faro, Almada e Olhais e estreou-se como jornalista na «Folha de Domingo», tendo mais tarde exercido as funções

de chefe de redacção do «Jornal do Algarve».

Trabalhou no «Diário de Lisboa» e, conjuntamente com outros colegas, colaborou depois na fundação do «Jornal Novo».

Como escritor, Torquato da Luz já publicou: «Choques de Alegría» (prosa) e «Poemas da Verdade», «Voz Suspensa», «Lucro Líquido» e «A Porta da Europa e outros poemas» (poesia).

Tem ainda trabalhos dispersos por várias coleções e antologias.

Conhecemos Torquato da Luz desde os seus primeiros passos na imprensa regional e como corrente a Jogos Florais e por isso ainda mais nos regozijamos hoje por verificarmos que continua a fazer vingar a sua forte personalidade através dum estilo que é sinónimo de inteligência e que o tem tornado admirado pelos seus leitores.

Pensamos que será a primeira vez que um diário de Lisboa é dirigido por um algarvio e isso é mais um motivo de júbilo para quantos reconhecem em Torquato da Luz um jornalista íntegro e competente.

As nossas felicitações pelo honroso lugar que ocupa na imprensa portuguesa e os nossos votos sinceros de feliz desempenho da sua espinhosa função.

ESTES DEFENSORES DO AMADORISMO...

Pintassilgo é um moço que gosta de jogar à bola. Dizem os entendidos que até tem bastante jeito para o chuto. Jogador do Louletano até agora, nos júniores, resolveu o moço, para esta época, e está no seu direito mudar de cores. Vai daí, e manifesta à direcção do «Louletano» que deseja transferir-se para o Campinense. Recebe um «não». O Louletano recusa dispensar-lhe a carta de jogador. Insiste o Pintassilgo. Que tem o direito de jogar onde muito bem lhe apetece. Responde o Louletano que não o deixa sair.

E enrola a questão para hoje, e para amanhã, e para depois.

Teima o Pintassilgo, e sai mesmo! Para isso, para poder desvincular-se do Louletano, tem que assinar pelo Campinense, como profissional B. Estranha lei esta, que não impede os profissionais de mudar de clube, e vincula os juvenis, os júniores, os verdadeiros amadores como profissionais que o não são, só para mudar de camisola.

É esta a história de um moço que nunca recebeu, nem recebe, um tostão para jogar à bola, e é agora, por força da mesquinhez de certos ditadorelinhos, um «profissional B».

É esta a história de um Pintassilgo que deu às asas e voou, e deixou certos palavrosos dirigentes a palrar, e a cantar loas ao amadorismo.

Já lá diz o ditado: «Faz como eu digo, não faças como eu faço...».

LAR DA TERCEIRA IDADE EM LAGOS

Por intermédio de um valioso legado deixado à Santa Casa da Misericórdia de Lagos, vai esta cidade possuir um Lar destinado à Terceira Idade.

Assim, em concordância com os preceitos testamentários da sr. D. Maria Francisco Nogueira Fialho, os seus bens avaliados em cerca de 25 mil contos, foram doados àquela instituição de beneficência, incluindo a sua residência onde será instalado o Lar para a Terceira Idade.

Os inúmeros e valiosos objectos de arte da finada senhora foram doados, por seu turno, ao Museu de Lagos.

A Prevenção Rodoviária Portuguesa recorda que, com tráfego muito intenso, a atenção deve estar muito mais desperta, pois há que atender às manobras de inúmeros veículos.

FRANCISCO DA CRUZ MENDES

Vítima de doença que o vinha martirizando, faleceu em Lisboa no passado dia 12 de Novembro (e após ter sido operado de urgência), o nosso velho amigo, conterrâneo e dedicado assinante sr. Francisco da Cruz Mendes, que contava 54 anos de idade e deixou viúva a sr. D. Maria Teresa Martins Mendes e orfãs as meninas Ana Paula e Maria Margarete e era irmão das nossas conterrâneas sr. D. Manuela da Cruz Mendes Teixeira, casada com o sr. Joaquim Gil Madeira Teixeira e D. Maria da Cruz Mendes.

O saudoso extinto, que há cerca de 30 anos se fixara em Silves com um café, ingressou depois na firma J. C. Barreiro e criou mais tarde a firma Martins & Mendes, Lda., de que era sócio-gerente, e à qual imprimiu forte impulso de desenvolvimento, muito ajudado pela sua extraordinária capacidade de trabalho e de inteligência, do que resultou a criação de numerosos postos de trabalho na sua fábrica de manufatura de cortiça.

Porém, depois do 25 de Abril, Silves passou a ser conhecida pela «Cidade Vermelha do Algarve» o que contribuiu para que o sr. Francisco Mendes experimentasse horas muito amargas em situações de conflito aberto com os seus trabalhadores, a ponto de se sentir forçado a abandonar, por algum tempo a sua própria fábrica, tal o clima de tensão que à sua volta foi fomentado na altura em que «era preciso acabar com os patrões».

Naturalmente que essas situações de crise tiveram fortes reflexos na sua saúde, o que evidentemente contribuiu para o desenlace agora verificado.

Pela sua natural afabilidade e lhança de carácter, o sr. Francisco Mendes, era pessoa muito conhecida e estimada na cidade de Silves, disfrutando de gerais simpatias entre os seus amigos e conhecidos, deixando por isso um rastro de saudade entre quantos com ele privavam.

Durante os últimos 4 anos, os 60 trabalhadores do sr. Francisco

Mendes fizeram-lhe a vida negra e de tal maneira o martirizaram que a sua morte foi apenas uma consequência lógica da tensão nervosa em que passou a viver logo após a revolução de Abril.

...E nem sequer era merecedor do que lhe fizeram, pois era um homem bom, condescendente, trabalhador e tolerante, atencioso e dedicado a quantos trabalhavam na sua fábrica.

O único mal que fez foi ter uma fábrica de manufatura de cortiça na «cidade vermelha do Algarve».

Por isso o sr. Francisco Mendes repousa hoje no cemitério de Silves e os trabalhadores da sua fábrica já estão «repousando» no desemprego, após 4 anos de duras lutas para alcançarem os objectivos agora atingidos.

Este é, não apenas, um dos vários casos típicos que têm chegado ao nosso conhecimento e provoados pelo processo revolucionário que chegou a estar em curso em Portugal, mas é também, com certeza, mais um entre várias centenas já tristemente ocorridos neste país.

A desolada família enlutada endereçamos a expressão do nosso mais sentido pesar.

Contribuições e Impostos

Para esclarecimento dos interessados, esclarece-se que se encontra a pagamento, durante o mês de Janeiro, nas Tesourarias de Finanças, as seguintes Contribuições e Impostos:

CONTRIBUIÇÃO INDUSTRIAL, Grupo B, (liquidação provisória), do ano de 1978.

IMPOSTO SOBRE SUCESSÕES E DOAÇÕES — Anuidades de 1979.

A contribuição industrial deverá ser paga na sua totalidade em Janeiro, se o montante for inferior a 1 000\$00 e em duas prestações iguais, com vencimento em Janeiro e Julho se for de montante igual ou exceder essa importância.